

## **O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

*Neliane Raquel Macedo Aquino (UFT)*  
nr.macedo@hotmail.com.

### **1. Introdução**

O processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira tem características particulares dessa modalidade de ensino. Tendo em vista essas peculiaridades, aborda-se neste trabalho, como alguns aspectos devem ser levados em consideração pelo professor de língua haja vista que podem influenciar diretamente o seu processo de trabalho. De forma rápida, procurou-se abordar um pouco sobre esse processo, as abordagens de ensinar e de aprender e como o papel do professor pode ser influenciado por essas duas primeiras na promoção da interação em sala de aula. Primeiramente, algumas considerações sobre a aula de língua devem ser feitas.

### **2. Considerações iniciais sobre aprendizagem de língua estrangeira**

A aprendizagem de língua estrangeira sofreu várias mudanças ao longo do seu percurso histórico de existência. De acordo com Leffa (1999, p. 18), encontramos-nos num momento de “revitalização do ensino de línguas”. Isso significa dizer que por um tempo o ensino de língua estrangeira era considerado pouco relevante ao processo de aprendizagem formal. Hoje, porém, reafirma-se, por muitas pesquisas, a contribuição da modalidade para a formação cidadã e profissional, argumentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Dito isso, é interessante pensar acerca do conceito de língua estrangeira. Para Almeida Filho (2005, p. 11) a língua estrangeira pode ser encarada como um conceito complexo que o professor necessita contemplar, refletir acerca dele, no exercício de sua profissão. Ela pode ainda significar a língua dos outros ou de outros, ou língua de antepassados, de estranhos, de bárbaros, de dominadores, ou mesmo língua exótica.

A noção de estrangeirismo, estranho pela qual passa a língua é momentânea: nesse ponto é que Almeida Filho aborda a ideia de desestrangeirização, ou o processo em que aluno e professor constroem um

caminho em que reconhecem a língua, anteriormente dada como estrangeira, como parte de sua vivência.

Aprender uma língua estrangeira, portanto, passará pelo objetivo a que o aluno se propõe no contexto. No caso do ensino formal, há aqueles que aprendem pela obtenção de nota, aprovação; há outros, no entanto, que percebem na língua estrangeira uma forma de aprender mais sobre sua própria língua, sobre a cultura de outros, ou até mesmo falar de sua própria cultura para outros na língua-alvo. O objetivo, portanto, passa pela compreensão do que motiva essa aprendizagem. Então, não seria relevante, para nós professores, perguntarmos-nos sobre qual o objetivo do aluno em aprender uma língua estrangeira em contextos formais? Se tomarmos como base essa reflexão, acredito que o trabalho do professor estaria sendo mais bem administrado.

É preciso levar em conta, ainda, que a aprendizagem de língua estrangeira é assunto debatido e conceituado segundo várias visões, dentre elas:

### **2.1. O modelo behaviorista**

Esta teve como principal influenciadora as análises de Skinner (2003). Sua teoria comportamentalista dá-se num padrão caracterizado como estímulo – resposta – reforço, segundo o qual pode ser aprendida qualquer habilidade. A linguagem é uma habilidade adquirida como qualquer outra.

A aprendizagem de uma língua estrangeira, não sendo diferente de outras habilidades, é estabelecida com foco no professor seguindo esse padrão, segundo um processo de aquisição de novos “hábitos linguísticos”.

Nele, o ESTÍMULO deve ser dado pelo professor, seguido da RESPOSTA do aluno e culmina com o REFORÇO, ou seja, o *feedback* dado pelo professor em relação à resposta dada. Se a resposta estiver correta, recebe feedback positivo, se estiver errada, recebe feedback negativo para que o comportamento não seja repetido.

## **2.2. O modelo cognitivista**

Esse modelo foi pensado a partir de contribuições de teóricos como Piaget. Nesse modelo, é importante a demonstração das fases de aprendizagem da criança para que se possa perceber o momento correto do desenvolvimento de cada conhecimento, inclusive da habilidade por meio da competência para a linguagem. “Para Piaget, a linguagem é constituída a partir do encontro de um funcionamento endógeno (orgânico) do ser humano com a vida social; aliás, de forma análoga ao *conhecimento*” (QUADROS, FINGER, 2007, p. 50). O foco, portanto, em diferente do behaviorismo, é o estudo dos processos cognitivos. Esses processos permitem a aprendizagem na experiência com o mundo externo, com o ambiente. Aqui o centro da aprendizagem é, então, o aluno.

## **2.3. O modelo sociointeracional**

Na visão sociointeracional, a interação entre aluno e professor e aluno e aluno é o centro de atenção. Sendo ela, a interação, o maior fator responsável pela aprendizagem de línguas. Aqui o foco está, pois, em estabelecer a linguagem como fator de comunicação, e aprendizagem de língua deve considerar a competência comunicativa. Dessa maneira, Vygotsky (1991, p. 23) argumenta que é necessário um “processo de solução do problema em conjunto com outra pessoa (o qual) não é diferenciado pela criança no que se refere aos papéis desempenhados por ela e por quem a ajuda; constitui um todo geral e sincrético.” Seus estudos são tomados como base pelos sociointeracionistas na perspectiva em que o autor demonstra a necessidade do outro, do interlocutor na aprendizagem da criança.

Por meio dessas teorizações, pode-se perceber o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira. Temos aqui um “papel” que terá suas características percebidas por meio da abordagem do professor e, portanto, por meio daquilo que se apresenta no evento da sala de aula de línguas. Consideremos, então, a questão da abordagem.

## **3. Abordagens de ensinar e aprender**

No contexto de sala de aula de língua estrangeira há vários fatores que influenciam no processo de ensino e aprendizagem. Dentre estes,

certamente, não se pode deixar de citar a abordagem de ensinar do professor e a abordagem de aprender do aluno.

De acordo com Almeida Filho (2005, p. 13), a abordagem de ensinar é composta de um conjunto de disposições das quais o professor dispõe para orientar todas as ações da operação global que é o ensino de uma língua estrangeira. Ressalta que uma abordagem equivale a um conjunto formado por conhecimentos, valores, crenças, pressupostos, princípios sobre o que é linguagem humana, LE, e até mesmo aprender e ensinar uma língua-alvo, e várias outras reflexões que vai fazendo durante a jornada de trabalho.

É preciso notar que a abordagem não é uma questão superficial. Ela compreende um grande conjunto de características que irão definir o processo de ensino e aprendizagem. Elementos como planejamento do curso e das unidades, a produção e seleção de material, a escolha das maneiras pelas quais a língua-alvo será experienciada e as formas de avaliar o estudante são componentes da abordagem de ensino. Vale lembrar que não se deve confundir abordagem com método ou metodologia, a abordagem está pois num campo mais abstrato e engloba e o método, enquanto este é uma espécie de “caminho” a abordagem é, segundo Almeida Filho (2005, p. 93):

A abordagem é mais ampla e abstrata do que a metodologia por se endereçar não só ao método mas também às outras três dimensões de materialidade do ensino, a saber, a do planejamento após a determinação dos objetivos, a dos materiais (que se escolhem ou se produzem) e a do controle do processo mediante avaliações.

Almeida Filho (2005, p. 13) ressalta ainda que: “Para produzir impacto (perceptível), mudanças (profundas), e inovações (sustentadas) (...) são cruciais novas compreensões vivenciadas da abordagem de aprender dos alunos e de ensinar dos professores”.

Ao longo da história do ensino de línguas, observamos várias abordagens que por vezes tomam corpo para tentarem modificar a situação do ensino de línguas quer seja no Brasil, quer seja no mundo. Dentre estas abordagens, duas são muito estudadas nas universidades e são também motivo de pesquisas constantes. Assim, para demonstração do papel do professor, definem-se aqui duas abordagens:

Na abordagem formalista, aprender língua estrangeira é um processo consciente e regulado segundo regras gramaticais com auxílio de

procedimentos, tais quais memorização e tradução. O professor está, portanto, no centro.

Na abordagem comunicativa, o aluno aprende de forma subconsciente, de acordo com situações simuladas, de interação real, e é essa interação determinante no resultado da aprendizagem do estudante. O processo comunicativo por meio da interação está, portanto, no centro.

São as abordagens de aprender do aluno e a de ensinar do professor inter-relacionadas capazes de definir o processo de ensino e aprendizagem. “Sem reflexão sobre as alterações produzidas e sem aprofundamento da base teórica que explica a prática não há também garantia de que a essência da abordagem mude de fato” (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 19).

#### **4. O papel do professor no ensino e aprendizagem de língua estrangeira**

O ambiente de sala de aula de língua estrangeira não difere acerca dos outros no que diz respeito ao processo de interação que está presente nela e, portanto determina um fato social, ou seja, acontece de forma contínua com os atores da sala de aula, professor e aluno.

Porém, como estes atores são parte de uma cultura maior, e absorvem regras que lhes são exteriores, ao poucos, como postulado por Souza (2004, p. 72), eles vão tomando as características fundamentais desse contexto e, assim, assumindo o lugar de professor e aluno ao qual correspondem de acordo com as regras que regem esse evento social e seus comportamentos vão sendo moldados por estas regras sociais.

Neste contexto muitas vezes tradicional, professor e aluno vão apresentando-se segundo seu papel em sala de aula. A palavra papel, então, assume novo significado e necessita de algumas conceituações segundo alguns postulados teóricos:

Souza (2004, p. 72) corrobora com a linguística aplicada, ao afirmar que

A representação dos papéis sociais, os quais podem ser de uma forma ou de outra diferente depende, nesta visão, do entendimento acerca de abordagem ou ainda da visão de ensino que é moldada no e pelo professor de acordo com suas experiências e que pode estar somada ao seu histórico de vida com a referente língua-alvo.

Assim, podemos citar os teóricos:

- Widdowson (*apud* SOUZA, 2004, p. 72), o qual conceitua papel como “... uma parte que as pessoas desempenham na vida social.”
- Lindgreen (*apud* SOUZA, 2004, p. 73), que diz ser papel “porções sequenciais de comportamento padronizado que transformamos em rotina familiar.”

Apesar de existirem várias definições acerca de papel social, sabe-se que em todas elas encontraremos o mesmo princípio básico, as pessoas estabelecem relações sociais e estas relações são calcadas em valores passados de geração para geração os quais definem nosso comportamento. Em uma dessas relações vivenciamos a relação ensinar-aprender. E como definiu Brown (1994, *apud* SOUZA, 2004, p. 74), a aprendizagem acontece com a prática da aquisição de conhecimento, sendo que neste ambiente nós temos como protagonista o aluno e temos também o professor.

Ribeiro e Bregunci (1986, p. 40), em seu livro *Interação em sala de aula*, ressaltam ainda que a relação de poder que ocorre com o professor e a sua base de sustentação para manutenção dessa relação deve ser analisada quando da verificação do papel do professor em sala de aula.

É próprio da instituição colocar regras implícitas de comportamento. O professor principiante, ao entrar na sala de aula, sente-se pressionado a adotar determinadas formas de relacionamento com os alunos. A este conjunto chamamos de “papel” do professor, referindo-nos a modos de comportamento típicos dos professores, quaisquer que sejam eles.

Verifica-se que esta situação ocorre a todo o momento em que o novo é apresentado dentro do ambiente de convívio do professor. Quando, por exemplo, um pesquisador invade o espaço de trabalho de sua sala de aula, ele tende a se sentir ameaçado ou constrangido e “entra” em modo de defesa até que volte a se acostumar com o ambiente. Isso se dá porque temos comportamentos estabelecidos, comportamentos que podem muitas vezes ser comuns entre pessoas que praticam a mesma profissão, como é o caso do professor.

No estudo do comportamento do professor não se pode esquecer que temos a verbalização marcada por características fisionômicas e posturas corporais que reiteram a fala, ou mesmo apenas um deles expressam um comportamento significativo em certas ocasiões.

Na influência do professor sobre o aluno, deve-se considerar ainda que o tempo seja necessário para que tal legitimação de poder seja estabelecida. Segundo French & Raven (*apud* RIBEIRO; BREGUNCI, 1986, p. 41):

A relação é caracterizada por diversas variáveis qualitativamente diferentes e que são as bases do poder. Destas, cinco são consideradas comuns e relevantes: o poder institucional (legítimo), o coercitivo, o de recompensa, o referente e o de especialização.

Cada um por si é autoexplicável: o poder institucional corresponde à situação da aceitação dos alunos à obediência daquilo que determina o professor; o coercitivo baseia-se na punição ao aluno pelo professor; o de recompensa ressalta a percepção do aluno a alguma recompensa que o professor pode lhe proporcionar; o referente demonstra a conformidade na aceitação da autoridade do professor e na sua identificação com este último; e o de especialização é o entendimento de que o professor tem determinado conhecimento especializado.

Dessa maneira, afirma Souza (2004, p. 72), que, “segundo uma visão tradicionalista, costuma-se atribuir ao professor o papel de autoridade e de participante mais importante do evento”. Esta visão tradicional de traços culturais é reafirmada vários ambientes de sala de aula o qual presenciamos atualmente e está diretamente relacionada à forma como esses tipos de poderes são utilizados pelo professor, principalmente o poder institucional.

Ressalta-se que, juntamente com esses diferentes tipos de poderes que podem ser estabelecidos dentro de uma sala de aula há, ainda, os diferentes tipos de papéis e atitudes que podem ser expressos pelo professor. Esses tipos de papéis irão variar, pois, como já citado anteriormente, dependem da abordagem do professor, das influências recebidas durante a formação etc.

Assim, pode-se relacionar o método adotado pelo professor com o tipo de papel que ele exercerá em sala e que, por sua vez, baseia-se numa determinada abordagem adotada por ele resultante de uma visão acerca do que é ensinar e aprender. Dentro desta relação é necessário destacar os métodos mais comuns presentes nas escolas atuais, que são:

Método gramática-tradução, associado à abordagem formalista, tem como resultado o papel do professor como alguém controlador, tradutor, repetidor, centralizador e memorizador; a abordagem comunicativa por sua vez considera o papel do professor de facilitador da comuni-

cação participante, analista, conselheiro, ilustrador, cultural, fonte de recurso, supervisor, negociador.

Quando o professor exerce seu poder institucional, controlador e age de forma a manipular, recompensar e punir, por exemplo, ele está, mesmo de forma inconsciente, determinando que sua abordagem segue os preceitos da teoria behaviorista e, assim, ele terá como foco a abordagem tradicionalista.

Quando o professor exerce um poder institucional de agente mediador, acreditando ser um facilitador que direciona seus alunos a fim de que haja uma boa aprendizagem, levando em consideração tanto seu próprio conhecimento como o de seus alunos, ele está, em suma, reafirmando sua postura em sala de acordo com a teoria humanista ou a teoria sociointeracionista e, assim, determinando seu papel segundo a abordagem comunicativa. Essa abordagem vem sendo largamente defendida a partir de meados da década de oitenta e traz como foco o aluno e as situações comunicativas nas quais o professor pode basear-se para obter maior sucesso na aprendizagem.

Dentro da abordagem comunicativa, Souza (2004, p. 78) exemplifica, por meio da seguinte tabela, os papéis assumidos pelo professor de LE e suas respectivas atitudes, os quais, como o próprio afirma, foram “levantados por Almeida Filho (1986, *apud* SOUZA, 2004) com o auxílio de professores que lidam com o ensino de línguas durante um curso destinado a formação de professores”:

Papéis do Professor (P) e Atitudes do Professor (A)

Mediador/Moderador	P	(Co)participante	A
Informador	P	Questionador	P
Orientador	P	Testador/Verificador	P
Observador	P	Selecionador	P
Sistematizador básico	P	Formador	P
Renovador	A	Propiciador	P
Negociador	P	Analista crítico da própria prática	P
Grande autoridade	P	Usufruidor crítico de pesquisas	P
Garantidor de segurança	P	Estimulador/animador/instigador	P
Integrador de grupos	P	Avaliador	P
Pressionador	P	Crítico da própria prática	A
Ilustrador Cultural	P	Cúmplice	A
Direcionador	P	Compreendedor/Compreensível	A
Corresponsável	A	Relembrador de gramática	P
Treinador linguístico	P	Psicólogo	A
Facilitador	P		

Tais papéis podem ser relacionados a vários comportamentos em sala de aula onde o foco seja incentivar a aprendizagem de língua estrangeira segundo situações comunicativas que são demonstradas pelo professor, mediadas pelo mesmo com participação intensa dos alunos.

Ainda, Wright (*apud* SOUZA, 2004, p. 80) determina que os professores exercem os papéis de gerenciador e instrutor. O primeiro se refere ao professor como aquele que organiza as aulas, cria condições para que a aprendizagem aconteça, “determina e faz a aula acontecer”. O segundo expressa o professor como aquele que explica, guia e que orienta seus alunos durante as atividades em sala. É necessário expor, porém, que tais papéis não se apresentam desligados, como afirmado pelo próprio autor, os dois se constroem e se completam durante o processo.

Tendo em vista tantas formas diferentes de conceituar papel e de analisar como e por que o professor tem determinado comportamento e, por isso, exerce determinado papel, é importante ressaltar que esses papéis não acontecem de forma única em uma sala e que não há como determinar a mais certa ou dizer que um professor exerce somente um tipo de papel. Como postulado por Prahbu (1992, p. 80), é necessário ter um senso que busca um “padrão plausível”, senso este que media a ação do professor a ocorrer de acordo com o que sua aula necessita, portanto, não o unicamente certo, mas há como adequar cada papel a cada experiência que será mais favorecida por aquele.

Portanto, falar do papel do professor em sala de aula e ainda, perceber a interação presente na mesma é, sem dúvida, tarefa cuidadosa e longa, na qual não se podem desconsiderar os teóricos citados.

##### **5. Algumas considerações**

Os papéis do professor e do aluno representam comportamentos, atitudes, tomadas de decisões que não podem ser entendidos separadamente, sem considerar toda a complexidade inerente ao ambiente de sala de aula. A relação estabelecida entre professor e alunos é reflexo do tipo de visão que cada um possui acerca de seu papel e de sua contribuição no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, a interação reflete a abordagem de ensinar do professor e a de aprender do aluno, e assim, o seu papel será moldado de acordo com essas características que os mesmos possuem.

A compreensão dos diversos papéis os quais podem ser demonstrados pelo professor auxilia na compreensão da dinâmica de sala de aula e contribui para uma melhor percepção acerca do “fazer” do professor em sala de aula.

Ensinar uma língua estrangeira requer estes conhecimentos, pois eles contribuem de maneira enriquecedora ao desenvolvimento da aula, sendo a mesma vista como um evento social único, onde todos aprendem juntos e que somente a partir da interação e dos diferentes tipos de papéis a aprendizagem dos alunos se dará de forma satisfatória.

Acredita-se, portanto, que a teoria é relevante para a prática, por isso, a pesquisa torna-se facilitadora do processo de ensino e aprendizagem. Em vista disso, a FAPEMA foi importante agente auxiliador da pesquisa durante a minha graduação na UEMA, sob orientação da professora Ilza Leia. De acordo com o que pôde ser exposto, continuo estudando as questões interacionais com foco nas atividades de língua inglesa na sala de aula para investigação das práticas metodológicas do professor de língua durante o curso de Mestrado. As análises aqui apresentadas já incluem algumas percepções do levantamento bibliográfico que promovo para a dissertação, a qual ainda se encontra em fase inicial de estudos. O objetivo, portanto, é refletir como a prática de atividades específicas baseadas em fonética e fonologia da língua inglesa podem promover um ambiente mais favorável de aprendizagem de língua em contextos formais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Dimensões Comunicativas no ensino de línguas*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2005.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. O ensino de línguas no Brasil desde 1978. E agora? In: \_\_\_\_\_. *Linguística aplicada: ensino de línguas para comunicação*. Campinas: Pontes/Arte e Língua, 2005, p. 89-110.

CAJAL, Irene Balerone. A interação em sala de aula: Como o professor reage às falas iniciadas pelos alunos? In: COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. (Orgs.). *Cenas de sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p. 125-159.

CHIMENTÃO, L. K. Interação em sala de aula e ensino de língua inglesa: a influência dos papéis de professor e aluno nessa interação. *Revista*

*Desempenho*. Brasília: Universidade de Brasília/Instituto de Letras, Ano 5, n. 6, p. 59-77, 2006.

LEFFA, Wilson J. O ensino de línguas estrangeiras no Brasil. *Contexturas: APLIESP*, n. 4, p. 13-22, 1999.

QUADROS, R. M. de; FINGER, I. (Orgs.). *Teorias de aquisição de linguagem*. Florianópolis: UFSC, 2008.

PRAHBU, N. S. *The dynamics of the language lesson*. Trad.: ALMEIDA FILHO. *Tesol Quartely*, vol. 26, n. 2, p. 79-96, 1992.

RIBEIRO, Laura Cançado; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. *Interação em sala de aula*. Questões conceituais e metodológicas. PROED. Belo Horizonte, 1986.

SOUZA, Francisco Edilson de. Papéis do professor na sala de aula de língua estrangeira. *Revista Horizonte*. Universidade de Brasília: Instituto de Letras, Ano 3, n. 2. Brasília, p. 71-83, 2004.

SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. Trad.: TODOROV, J. C.; AZZI, R. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIGOTSKY, L. V. *A formação social da mente*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.